

## Lomografando a cidade: a experiência da *flânerie* através da fotografia<sup>1</sup>

Alessandra Maia<sup>2</sup>  
Débora Gauziski<sup>3</sup>  
Grécia Falcão<sup>4</sup>

### Resumo:

O presente artigo tem por motivação a aproximação da *flânerie* à lomografia na contemporaneidade. Por isso, parte-se do conceito de *flâneur*, a figura do caminhante e explorador que surge nas cidades modernas, termo cunhado por Charles Baudelaire (1996) e revisitado posteriormente por Walter Benjamin (1995). Contemporaneamente, Susan Sontag (2004) associa o *flâneur* ao fotógrafo, conceituação que se aproxima da pesquisa empírica realizada neste *paper*. Por meio do *rolé* lomográfico, evento promovido pela loja Lomography, buscou-se analisar as impressões produzidas por meio do consumo imagético do cenário urbano, da cidade do Rio de Janeiro, e tentar relacionar com o conceito de Inteligência Territorial.

**Palavras-chave:** Lomografia, *Flânerie*, Analógico, Digital.

### Introdução

A partir da associação da *flânerie* à experiência fotográfica, Susan Sontag (2004) reapropria o conceito, desenvolvido na obra de Baudelaire (1996) e de Benjamin (1995), para repensar a relação do fotógrafo com o espaço urbano. No âmbito do presente estudo, busca-se explorar as possibilidades e limitações do consumo da cidade sob a ótica lomográfica, uma técnica forjada sob o paradigma analógico-digital. Com lentes de baixa tecnologia e o corpo de plástico, as câmeras lomográficas permitem a entrada de luzes supostamente indesejáveis, podendo acarretar em fotografias imprevisíveis. Da mesma forma, as cores intensas das fotos obtidas e o caráter experimental dessa modalidade de fotografia chamam a atenção do público. O trabalho se iniciou na loja Lomography, em Copacabana (Rio de Janeiro), ponto de encontro de entusiastas e curiosos desta técnica. Além da possibilidade de adquirir máquinas *lomo*, é possível também participar dos *rolés* lomográficos, nos quais uma câmera é alugada e o usuário pode *flanar* pelo bairro. A partir da observação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no EJE 2: Inteligencia Territorial, Transformacion y Transicion Socio-Ecologica/

2. Transformaciones en Sujetos y en Territorios. Realizado de 17 a 20 de outubro de 2012.

<sup>2</sup> Mestranda em Tecnologias da Comunicação e Cultura PPGCOM/Uerj – bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) –, pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Entretenimento e Cognição (CiberCog). Estudante de Relações Públicas e graduada em Jornalismo pela FCS/Uerj. E-mail: <[alemontmaia@gmail.com](mailto:alemontmaia@gmail.com)>.

<sup>3</sup> Mestranda em Tecnologias da Comunicação e Cultura PPGCOM/Uerj – bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) –, participante do grupo de pesquisa Regimes de visibilidade: a construção da visibilidade da fotografia contemporânea. E-mail: <[deboragauziski@gmail.com](mailto:deboragauziski@gmail.com)>.

<sup>4</sup> Mestranda em Tecnologias da Comunicação e Cultura PPGCOM/Uerj – bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) –, participante do grupo de pesquisa Regimes de visibilidade: a construção da visibilidade da fotografia contemporânea. E-mail: <[gre.falcao@gmail.com](mailto:gre.falcao@gmail.com)>.

participante foi possível relacionar os conceitos de Inteligência Territorial e *flânerie* à ação de lomógrafos pela urbe.

### A cidade moderna como palco do *flâneur*

Com o desenvolvimento urbano, as cidades sofreram mudanças estruturais que se refletiram no comportamento de seus habitantes. Nesse novo ambiente, surge a figura do *flâneur*.

Em português, o verbo *flanar*, adaptado do francês, significa “passear ociosamente” ou “vadiar”<sup>5</sup>. Originalmente, o termo *flâneur*, cunhado pelo poeta francês Charles Baudelaire, retratava a *persona* do explorador urbano da Paris do século XIX, um caminhante que buscava descobrir a realidade social e cultural vagando pelos becos e ruas da cidade.

O *flâneur* é uma figura ambígua, pois mantém a sua solidão apesar de adentrar o fluxo de pessoas. De acordo com Baudelaire, o *flâneur* depende de uma multidão para existir, embora ele não se confunda a ela:

a multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é *desposar a multidão*. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidío e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes [...] (Charles Baudelaire, 1996: 19)

Walter Benjamin também explorou esta nova personalidade da modernidade em sua obra intitulada “O *Flâneur*”. Em seu texto, Benjamin faz um levantamento das fisiologias criadas sobre a cidade e afirma que “o registro tranquilo dessas descrições ajusta-se aos hábitos do *flâneur*, que é uma espécie de botânico do asfalto” (Walter Benjamin, 1995:38). Ainda destaca que:

o *flâneur* sente-se em casa nesse mundo [o de galerias criadas pelas passagens]; é ele que oferece «a esse lugar predileto dos transeuntes e dos fumadores, a essa arena de todas as pequenas profissões» [Ferdinand von Galli, 1845:22] o seu cronista e o seu filósofo (Walter Benjamin, 1995: 39)

O autor também apresenta diversos romances e poemas de autores como Edgar Allan Poe e E.T.A. Hoffmann, por exemplo, para explicitar e descrever a *flânerie*. Todavia, é Charles Baudelaire que se destaca como a figura emblemática da experiência urbana moderna, o *flâneur*. No entanto, foi Poe quem inscreveu em um conto “uma das primeiras descrições do *flâneur* a imagem do seu fim” (Walter Benjamin, 1995:56). Pois, “se a passagem é a forma clássica do interior, que para o *flâneur* é representado

---

<sup>5</sup> De acordo com o dicionário Michaelis, disponível online em: <<http://michaelis.uol.com.br>>.

pela rua, a sua forma decadente é o grande armazém. O armazém é o lugar do último passeio do *flâneur*.” (Walter Benjamin, 1995: 56). Assim, entende-se que, para Benjamin, o *flâneur* encontraria o seu fim com o triunfo do capitalismo de consumo.

Contudo, nota-se que, ainda hoje é possível encontrar essa figura consumindo a cidade com um olhar disperso e inebriado pelas cenas urbanas – se entregando ao percurso do outro e, desta forma, conhecendo a urbe sob uma ótica diferenciada. Por isso, destaca-se a fotografia, e mais especificamente, a lomografia, como uma maneira de caminhar pelo território em busca de algo novo – algo que o outro, sem saber, pode lhe apresentar.

Isto é, por meio da fotografia e do caminhar errante, o *flâneur*, aqui representado pelo fotógrafo que se vale da câmera *lomo*, ao registrar a cidade e seus atores pode ressaltar, tal qual um agente em função da Inteligência Territorial<sup>6</sup>, aspectos sociais, ambientais, culturais e arquitetônicos do espaço que podem suscitar questões e potencializar o melhor saber e saber-fazer de cientistas e políticos, por exemplo, que se comprometem e se envolvem para solucionar certos problemas urbanos, como a deterioração do meio ambiente, a desigualdade social, o descaso com a infraestrutura, entre tantos outros.

### **A *flânerie* lomográfica – o consumo da cidade por meio do novo analógico**

No presente trabalho, escolhemos nos aproximar deste *flânerie* fotográfico por meio da lomografia. Com lojas presentes nas principais capitais do mundo, a prática lomográfica surgiu, em 1991, em Praga, capital da República Checa. Lá, dois jovens de Viena se surpreenderam com a facilidade e rapidez que a pequena câmera russa – LOMO-LC-A<sup>7</sup> – registrava o cotidiano da cidade. Assim, suas imagens coloridas e contrastantes inspiraram a criação de novas câmeras analógicas, incitando o surgimento da marca *Lomography*.

Sob a era digital, a prática fotográfica está cada vez mais inserida na vida urbana. Entre celulares com câmeras digitais, bem como máquinas fotográficas cada vez mais automatizadas e compactas, o olhar do cidadão passa a estar mais atento às cenas cotidianas, ao movimento peculiar que possa surgir na multidão. Contudo, a possibilidade de antever a imagem através do visor digital passa a interromper a trajetória fotográfica, a experiência do percurso sobre a cidade. Ao invés de seguir

---

<sup>6</sup> O conceito de Inteligência Territorial pôde ser assimilado por nós graças à leitura da obra “Repensar las políticas urbanas: apuntes para la agenda urbana” (2012).

<sup>7</sup> A LOMO LC-A (*Lomo Kompakt Automat*) utiliza lente fixa e filme de 35 mm, com a exposição automática e todas as demais funções manuais, esta câmera surpreendeu os criadores do movimento lomográfico pela facilidade de manuseio, cores saturadas e contrastantes.

atento ao objeto, o olhar do fotógrafo é interpelado pela recepção imediata do resultado, acarretando em um ato fotográfico mais comprometido com a imagem do que com as ações que ocorrem a seu redor.

Através da lomografia, o analógico ressurge em meio à vigência da prática fotográfica digital, conquistando cada vez mais adeptos, desde os antigos amantes da película até os nativos digitais. Neste movimento analógico, o filme retorna sobre uma proposta experimental, associada a uma visão lúdica e inventiva sobre a realidade, do que com uma fotografia documental. Neste âmbito, os lomógrafos parecem jogar com as potencialidades estéticas de cada câmera *Lomo*.

Sob lentes que saturam as cores da imagem<sup>8</sup>, distorcem a foto<sup>9</sup>, e até mesmo dividem o quadro fotográfico em quatro partes sequenciais<sup>10</sup>, este movimento analógico parece deslocar para o aparato as possibilidades plásticas da imagem. Neste caso, o fotógrafo não está tão envolvido no controle da imagem, mas em apreender as cenas da cidade sob as lentes *Lomo*.

Da mesma forma, ao restituir o uso da película, esta prática parece reestabelecer o estatuto da fotografia como uma experiência contínua, que marca o instante vivido num tempo e num espaço. Sem a possibilidade de manipular ou até mesmo deletar a imagem, o analógico irá imprimir no filme toda a trajetória do fotógrafo pela cidade, sem descartar erros ou aprimorar acertos fotográficos. No caso, como o lomógrafo busca uma imagem inventiva e inusitada, os próprios erros podem gerar fotografias surpreendentes.

Neste âmbito, ao não se comprometer pela busca da imagem ideal, no lugar dos cliques repetitivos sobre um mesmo objeto, a prática *Lomo* incita o deslocamento do olhar fotográfico, mais disperso sobre as novas cenas da cidade. Contudo, da mesma forma que estamos sempre com os nossos celulares prontos para fotografar, a prática lomográfica incita o mesmo costume. No caso, para captar cenas novas e inventivas ao invés de escolher um momento propício para fazer fotos, o lomógrafo procura carregar sua câmera para todos os lugares, já que a cidade pode o surpreender a todo instante, suscitando a criação de uma boa foto<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Inspiradas na LOMO-LC-A, grande parte das lentes lomo realçam as cores e contrastes o resultado fotográfico.

<sup>9</sup> A *Fisheye* funciona com filme 35mm e sua lente tenta imitar os mesmos 170 graus de visão e distorção do olho de peixe.

<sup>10</sup> *Action Sampler*: câmera lomográfica com foco, abertura e velocidade fixas, que divide a foto em quatro quadros sequenciais, usando para isso filmes de 35mm.

<sup>11</sup> Uma das dez regras de ouro, criada no manifesto lomográfico, é estar sempre munido de sua câmera *Lomo*. (1) Leve a sua *Lomo* para onde vá; (2) Fotografe a qualquer hora do dia ou da noite; (3) A Lomografia não interfere na sua vida, é parte dela; (4) Aproxime-se o mais possível do objeto a ser fotografado; (5) Não pense; (6) Seja rápido; (7) Você não precisa saber antecipadamente o que vai

A crítica de arte e ativista norte-americana, Susan Sontag, em seu trabalho *Sobre a fotografia*, aproxima a *flânerie* do ato fotográfico:

o fotógrafo é uma versão armada do solitário caminhante que perscruta, persegue, percorre o inferno urbano, o errante *voyeurístico* que descobre a cidade como uma paisagem de extremos voluptuosos. Adeptos das alegrias da observação, connoisseur da empatia, o *flâneur* acha o mundo "pitoresco". (Susan Sontag, 2004: 70)

A autora menciona que os fotógrafos do final do século XIX e início do século XX tinham interesse em momentos singelos e novas visões do cotidiano urbano. Eles buscavam capturar uma realidade marginal que fosse além da fachada da vida burguesa, como os cenários degradados e calamidades presentes nas fotografias de Atget e Weegee, respectivamente. Similarmente, para os lomógrafos da atualidade, o interesse de registro são paisagens não usuais e cenas curiosas da vida cotidiana, que são fotografadas de ângulos inusitados e de forma esteticamente criativa por meio dos recursos das câmeras. Assim, essas imagens produzidas promovem um novo olhar à cidade na medida em que tornam evidentes aspectos relacionais e detalhes urbanísticos que não são notados pelos outros moradores do território, porque passam apressadamente pelo ambiente na correria do dia a dia, mesmo os que estão transitando pela orla carioca.

### **Rolé Lomográfico**

A pesquisa de campo teve como método de estudo a observação participante, ou seja, as observadoras/pesquisadoras foram inseridas no ambiente natural de ocorrência do fenômeno para que fosse possível interagir com a ação investigada sem desviar a atenção dos investigados e, conseqüentemente, tirar a liberdade de agir dos mesmos, pois, segundo Cicilia Peruzzo, "não há necessidade de o pesquisador 'se confundir' com os pesquisados, ou camuflar a sua real origem e situação no mundo, para poder captar as manifestações intrínsecas ao fenômeno e o sentido das ações do outro" (PERUZZO, 2011: 126-127).

Para tanto, fomos à loja representante da Lomography, no Rio de Janeiro, localizada no bairro de Copacabana, durante dois meses consecutivos para simplesmente observar os frequentadores da loja e acompanhar esse *flanar* pela cidade. No último dia, ao lado de outros participantes, cada uma de nós alugou uma câmera de modelos distintos (intencionalmente, a fim de descobrir diferentes possibilidades de cada máquina) para fotografarmos durante um período de três horas. Esse procedimento

---

fotografar; (8) Nem posteriormente; (9) Não fotografe com os olhos; e (10) Não se preocupe com as regras.



funciona como um *test drive* da câmera, já que muitos interessados preferem experimentar as funcionalidades da máquina antes de escolher uma para comprar.

Em seguida, saímos todos juntos, fotografando o bairro de Copacabana. Nossa intenção era observar como seríamos percebidos pelos transeuntes do bairro e também de que maneira nós e os demais participantes pareciam consumir a cidade fotograficamente. Dedicamos a maior parte do nosso tempo a tirar fotos no calçadão da praia de Copacabana: o local foi selecionado tanto por ser um ambiente mais iluminado (as câmeras que escolhemos não possuíam *flash*) e com alta rotatividade de pedestres, promovendo maior diversidade à observação.

Pudemos notar que ao sair em grupo na posse de câmeras fotográficas, os observadores creram que não pertencíamos à cidade. Vendedores acharam que éramos turistas e nos abordaram tentando vender produtos. Algumas pessoas nos olharam com curiosidade, já que as câmeras são um pouco diferentes das triviais – bem coloridas e com formatos peculiares. Enfim, essa experiência se diferenciou bastante da vivenciada até aquele dia, visto que, antes, as autoras figuravam como simples observadoras da ação.



**Figura 1 - fotos produzidas pelas autoras, com a câmera La Sardina, na orla de Copacabana (no Rio de Janeiro, Brasil), em junho de 2012, durante pesquisa empírica**



**Figura 2 - fotos produzidas pelas autoras, com diferentes câmeras, na orla de Copacabana (no Rio de Janeiro, Brasil), em junho de 2012, durante pesquisa empírica**

Acima podem ser observadas algumas das fotografias produzidas por nós no rolê lomográfico, com três câmeras diferentes. Nas duas primeiras, realizadas com a câmera La Sardina, foi utilizada a técnica da dupla exposição – que consiste em “disparar” uma foto por cima da outra, sem girar o filme, o que produz diversas camadas na imagem – para se retratar as palmeiras e o calçadão da orla. Já as duas últimas foram tiradas com câmeras Supersampler e Action Sampler, cuja funcionalidade característica é o registro de quatro fotos sequenciais com um único clique, e mostram o trânsito na Avenida Atlântica e transeuntes na ciclovia. A lomografia permite o registro de cenas comuns do cotidiano de forma inusitada.

Durante o percurso, o que nos pareceu mais marcante foi o fato dos fotógrafos estarem constantemente buscando diversas cenas do cotidiano. Isto nos parece ser possível pelo fato da maioria das câmeras lomográficas não possuir visor de enquadramento fotográfico<sup>12</sup>. Ou seja, no lugar de olhar a cidade através da câmera, o fotógrafo caminhava observando, com os seus próprios olhos, o entorno. Em seguida, ao perceber algo de interessante na multidão, direcionava a câmera, não necessariamente na altura dos olhos, ousando sob diversos ângulos. Da mesma forma, sem o auxílio da tela digital/visor o fotógrafo parece se permitir adentrar nas cenas urbanas, sem fixar seu olhar em apenas uma cena ou objeto.

Foi interessante perceber que o *rolê* lomográfico só acaba quando o filme termina, ou seja, quando a experiência fotográfica chega ao fim, evidenciando o caráter contínuo da prática. Ao contrário da fotografia digital, em que é possível apagar uma foto indesejada para fotografar mais, a lomografia nos obriga a deixar no filme toda uma vivência com a cidade, sem deixar para trás nenhum objeto ou cena marcante. E a cada nova foto, um novo objeto e uma nova cena passam a ser buscados.

## Considerações

Nesse trabalho, aproximamos a prática da lomografia à Inteligência Territorial, baseando-nos no conceito desta como uma ferramenta para a mobilização de agentes sociais com o objetivo de desenvolver o ambiente local. Nesse contexto, é essencial o entrosamento de grupos urbanos que produzam informações em rede, transformando esse capital cultural em ação.

No caso dos lomógrafos, subcultura estudada aqui, no contexto carioca, percebemos que há uma circulação de imagens e informações relacionadas a esta prática

---

<sup>12</sup> Inicialmente algumas pessoas demonstraram insegurança pela sua falta, contudo, rapidamente, pareceram se acostumar com a maneira *Lomo* de fotografar – onde não se busca uma imagem previsível, mas criativa e inovadora, neste caso, tirar a câmera do olho, experimentar novos ângulos é gerar outras possibilidades estéticas para a imagem.

fotográfica entre seus membros, construindo um cenário de fãs de um tipo de fotografia que promove uma nova relação com a cidade. Esse aspecto pode ser percebido inclusive no sítio oficial da marca Lomography, no qual é possível postar as imagens produzidas com câmeras *lomo* e conhecimentos sobre laboratórios e pontos interessantes da cidade para se fotografar, bem como dicas para a produção de determinados efeitos estéticos nas imagens.

É interessante também ressaltar que este sítio concentra a comunidade global da marca, sendo possível consultar o acervo de imagens de outras cidades ao redor do mundo. Ou seja, o local é expandido, tornando-se global. Assim, determinadas lomografias produzidas em outros territórios podem inspirar viajantes a produzirem suas próprias fotos do lugar. Por serem imagens menos óbvias, podem promover uma fuga de um ponto de vista tradicional dos territórios ao se afastarem da estética dos cartões postais tradicionais.

Assim como os *flâneurs* do século XIX, os lomógrafos estão interessados nos instantes urbanos que escapam ao rápido olhar dos transeuntes das cidades. Na nossa experimentação, por exemplo, registramos em fotos vendedores de picolé, trabalhadores de quiosques, ciclistas, casais de idosos, grupos de amigos jogando vôlei de areia, surfistas, entre outros, ao natural, sem pedir autorização para fotografá-los, tendo como objetivo o registro das cenas das quais estávamos sendo atores-observadores.

A lomografia também é uma experiência fotográfica diferenciada pelas possibilidades do analógico. A experimentação da urbe é, então, estimulada de forma mais criativa e livre da determinância do olhar, no qual a câmera possui certa independência no ato fotográfico. Sob esta ótica, o enfoque é a experiência em si, pois o registro da cena tem mais valor que o resultado, diferentemente dos aparatos digitais, no qual é provido instantaneamente. A lomografia dá impulso a uma experimentação da realidade, subjetivando-a por meio das possibilidades artísticas possíveis neste tipo fotográfico.

Dentre os resultados percebidos empiricamente nessa pesquisa, três pontos merecem destaque: a diferente relação do fotógrafo com a cidade, dos observadores com o *flâneur*, assim como o modo de operar a câmera. Esses pontos foram desenvolvidos anteriormente, ao longo do texto. A partir do experimento, também pudemos concluir que a materialidade da câmera é de grande influência nas novas percepções e relações do lomógrafo-*flâneur* com a cidade, instituindo outra interação com o território urbano. Além do caráter artístico dessas fotografias, o lomógrafo pode ter uma função social (intencional ou não, já que muitos entusiastas da técnica fotografam para se



divertir por meio de experimentações) ao fotografar as nuances da cidade, produzindo registros e, conseqüentemente, uma memória do território.

## Referências

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. O *Flâneur*. In: **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MONTANER, Josep M., SUBIRATS, Joan (orgs). **Repensar las políticas urbanas: apuntes para la agenda urbana**. Disputació de Barcelona, 2012.

PERUZZO, Cicilia. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: ed. Atlas, 2011.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.